

ANTERO NOBRE

O DOUTOR

FERNANDES LOPES

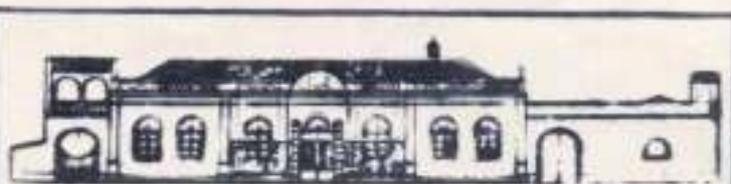
APONTAMENTO BIO - BIBLIOGRÁFICO



OLHÃO, 1984

LIVRARIA SILVA

Rua D. Francisco Gomes
FARO



Casa da Cultura António Bentes

S. Brás de Alportel

Biblioteca

Livro n.º 596

Cota n.º

34

495

ANTERO NOBRE



O DOUTOR

FERNANDES LOPES

APONTAMENTO BIO - BIBLIOGRÁFICO



OLHÃO, 1984



O Doutor Francisco Fernandes Lopes foi, incontestavelmente, não apenas o mais alto valor intelectual da vida olhanense de todos os tempos, mas um dos mais altos da vida algarvia e da vida portuguesa do seu tempo. Médico, professor de línguas (entendia de quasi todas as línguas cultas, incluindo o russo), de ciências e de história, filósofo, musicógrafo e musicólogo, arqueólogo, etnógrafo, historiador, crítico de arte, escritor e jornalista; um autêntico espírito enciclopédico, «um talento multiforme e multifacetado, sabendo de tudo mais do que é vulgar e conhecendo profundamente muitas coisas», como dele disse um dia o escritor algarvio Mário Lyster Franco, — podemos considerá-lo, como nós próprio já dele escrevemos em outro lugar, «uma autêntica figura da Renascença *desgarrada* no nosso tempo», um espírito universal a quem, por isso, todo o saber humano interessava e que todos os assuntos tocava com relativa originalidade, às vezes mesmo com «lampejos que podem classificar-se de geniais», como alguém dele escreveu algures.

Por tudo isto, que na realidade foi, o Doutor Francisco Fernandes Lopes grangeou desde muito cedo, dentro e fora de Portugal, admiradores e amigos sem conta, entre eles quasi todas as maiores figuras da vida literária, artística e científica portuguesa e bastantes das maiores da vida europeia do seu tempo, com as quais se correspondia amiudadamente sobre os mais diversos assuntos e que não poucas vezes o visitaram em sua casa, honrando e prestigiando Olhão com a sua presença. Aquela Vila ficou devendo, assim, imenso do seu prestígio de terra civilizada e culta a esse olhanense de cujo exotismo no trajar, no viver e no conviver (os génios foram sempre exóticos no seu tempo e no meio em que viveram...) muitos dos seus conterrâneos

algumas vezes se riram e mesmo troçaram. Aliás, as gerações olhanenses da primeira metade deste século, embora disso talvez não se tenham apercebido, também não pouco lhe ficaram devendo da sua promoção cultural, não só porque centenas de jovens filhos de Olhão dos anos 20 a 50 foram seus alunos nas escolas secundárias algarvias, mas sobretudo pelo *ensino* de mais de quarenta anos seguidos nas autênticas *escolas* que ele improvisava em qualquer lugar (na rua, no café, nas sociedades recreativas, no consultório, nas próprias casas dos seus doentes, quando os ia visitar...) e a qualquer hora do dia ou da noite, desde que tivesse ouvintes interessados e atentos de qualquer classe social e de qualquer nível intelectual ou desenvolvimento espiritual, e ainda pelas iniciativas culturais que tomou ou em que colaborou na sua terra natal, algumas que atingiram alto nível e tiveram mesmo repercussão nacional.

2

Entre as iniciativas culturais do Doutor Francisco Fernandes Lopes, que não foram poucas (conferências, concertos, recitais, exposições, representações teatrais, comemorações cívicas, etc.) destacam-se sobretudo os *Serões Musicais* que realizou no Grémio Olhanense (actual Clube Recreativo Olhanense) nos anos de 1924 a 1928, obra de divulgação musical única no País, e por isso altamente apreciada e elogiada pelos maiores valores da música portuguesa contemporânea; serões nos quais, em dezenas de pequenas palestras explicativas, fez prepassar perante os olhanenses toda a história da música, por ele para esse efeito dividida em *A Música antes de Bach*, *A Música no tempo de Bach* e *A Música depois de Bach*, ilustrando sempre as suas palavras com a audição das mais representativas e mais célebres composições dos maiores músicos de todos os tempos, executadas por primoroso grupo de amadores locais, que ele próprio organizou, ensaiou e dirigiu.

O êxito e a fama destes *Serões Musicais* foram tamanhos, que para assistirem a alguns deles deslocaram-se a Olhão muitas pessoas de todo o Algarve, e mesmo de outros pontos do País, entre elas não poucas com nomes já consagrados nos meios musicais portugueses, como por exemplo os maestros-compositores Luís de Freitas Branco e Ruy Coelho, o primeiro ao tempo director artístico do Teatro de S. Carlos, os maestros Pedro de Freitas Branco e Pedro Blanc, a professora e crítica musical Francine Benoit e a musicóloga Ema Romero (dos Santos Fonseca da Câmara Reys), esta última com uma notabilíssima obra também de divulgação musical, realizada em Lisboa por meio de conferências-concerto que se tornaram célebres. Ema Romero ficou, até, tão entusiasmada com que o viu e ouviu em Olhão, que convidou imediatamente o Doutor Francisco

Fernandes Lopes para abrir alguns dos seus ultteriores concertos na capital, com conferências que ele proferiu revelando autêntica maestria e profundos conhecimentos musicais, ganhando de pronto um franco aplauso da crítica mais exigente e merecendo que essas mesmas conferências fossem depois publicadas por aquela ilustre musicóloga na sua magnífica obra intitulada *Divulgação Musical*. Mas os *Serões Musicais* tiveram continuação, em 1929 e 1930, em Olhão; agora, porém, sobre o tema *Vida e Obra dos Grandes Músicos* e no salão da professora de música Amélia Ferraz, esta que então ilustrava ao piano, em que era excelente executante, as palestras do Doutor Francisco Fernandes Lopes. E mais tarde, em 1934, o ilustre olhanense realiza ainda conferências em Lisboa, sobre a *Época Moderna Portuguesa*, na série de concertos históricos promovidos pelo movimento *Renascimento Musical*, em que foram executadas também composições suas; e no ano seguinte (1935), pronuncia aos microfones da Emissora Nacional uma conferência que ficou famosa, e provocou acesa polémica, sobre a *Evolução do Fado, da guitarra à sinfonia*.

Aliás, no campo musical o Doutor Francisco Fernandes Lopes não se limitou a fazer obra de divulgação. Como compositor de merecimento, que também foi, ficou-se-lhe devendo a formosa ópera *Belkiss*, sobre o famoso poema em prosa do grande poeta Eugénio de Castro, uma primorosa *Balada do Fumo* (publicada em 1913), várias outras composições, algumas muito belas, sobre versos de Camões, Antero de Quental, António Sardinha, João de Deus, João Lúcio e Cândido Guerreiro, e a música de fundo, ou comentário musical, do *Auto das Rosas de Santa Maria*, que o último daqueles poetas escreveu para as celebrações de Sagres do 5.º Centenário do Infante D. Henrique, em 1960. E como investigador e crítico musical devem-se-lhe, além de outros, os profundos, eficientes e mesmo definitivos estudos do problema da música das célebres *Cantigas de Santa Maria*, de Afonso X (o Sábio) de Castela, sobre os quais fez pesquisas aturadas em Madrid, no Escorial e em Sevilha, sobre que manteve acesas e vitoriosas polémicas com eruditos espanhóis e franceses e proferiu notáveis conferências em Lisboa e Coimbra. Estudos que depois publicou com grande êxito em Portugal e Espanha e sobre que apresentou, em 1944, uma importante comunicação ao Congresso Luso Espanhol da História das Ciências, realizado em Córdova.

ria, in *Revista de Las Ciencias*, Madrid 1951; *As Cantigas de Santa Maria do Rei Afonso X, o Sábio, e a sua música*, Faro 1952. Mas, são ainda de assinalar, pelo muito interesse que têm na obra do ilustre olhanense, a série de artigos, sob o título de *Uma Aventura Musical*, que publicou em 1953 no *Notícias do Algarve*, de Vila Real de Santo António; os artigos que, sob o mesmo título, publicou, no mesmo ano de 1953, no *Povo Algarvio*, de Tavira, e em 1961 e 1969 no *Correio do Sul*, de Faro; o artigo *Um trecho de música grega antiga*, publicado em 1951 em *O Primeiro de Janeiro*, do Porto; os artigos sobre as *Cantigas de Santa Maria*, que publicou no *Correio do Sul* em 1928 e no *Diário de Lisboa* em 1957; os artigos da acesa polémica que manteve, no *Correio do Sul*, em 1928 com Carlos Pedro Cabrita, e em 1952 e 1953 com o Padre José Augusto Alegria, sobre as mesmas *Cantigas de Santa Maria*; os artigos da não menos viva controvérsia sobre temas musicais, que manteve com Pedro de Freitas, no *Povo Algarvio*, em 1953; e os da polémica que, em 1948, no *Correio Olhanense*, manteve com Adriano Baptista sobre o tema *Grandeza e Decadência da Guitarra*.

3

Apesar do valor inquestionável da sua actividade e dos seus trabalhos como musicógrafo e musicólogo, são todavia as suas investigações e os seus estudos como historiógrafo dos Descobrimentos que mais avultam na obra do Doutor Francisco Fernandes Lopes e deram àquela maior notoriedade nacional. Porque, na realidade, esses estudos mereceram ao ilustre olhanense particular interesse e muita devoção, levando-o a aturadas e profundas pesquisas nos Arquivos e Bibliotecas não só de Portugal (e aqui, desde Braga a Évora, passando por Lisboa, Porto e Coimbra), mas também da Espanha (em especial os de Madrid, Sevilha, Huelva e Simancas), da França, da Bélgica e da Itália, onde se deslocou várias vezes como bolseiro da antiga Junta da Educação Nacional do então chamado Ministério da Instrução Pública; e permitindo-lhe escrever depois alguns trabalhos de muito valor sobre um dos mais importantes capítulos da História de Portugal, que o é também da História da Europa e da História do Mundo, entre eles um que até mereceu ser galardoado num concurso internacional.

São realmente notáveis os seus trabalhos intitulados: *Sagres e o Infante*, série de 8 artigos in *Diário do Algarve*, Faro 1933; *Revisão Columbina*, série de 14 extensos e eruditos artigos in *O Diabo*, Lisboa 1935-1937; *Cristóforo Colombo e Cristobal Colón*, in *Seara Nova*, Lisboa 1936; *Cristobal Colón*, in *Seara Nova*, Lisboa 1937; *Quatro Ilhas dos Açores: S. Luis, S. Diniz, S. Tomaz, Santa Iria*, in *Petrus Nonius*, Vol. I, Fasc. 3, Lisboa 1937; *Duarte Pacheco e o Oceano Pacífico*, in *Petrus Nonius*, Vol. II, Fasc. 1, Lisboa 1938; *Em favor do Plano Henriquino das Índias*, Lisboa 1938; *Nova História do Primeiro Descobrimento Columbino*, série de 7 artigos in *Seara Nova*, Lisboa 1938; *Diário da Primeira Viagem de Cristóvão Colombo*, tradução e no-

tas in *República*, Lisboa 1938-1939; *Colaboração Portuguesa no Descobrimento da América Não-Brasileira*, in *História da Expansão Portuguesa no Mundo*, Vol. II, Lisboa 1939; Colombo — Bartolomeu, Cristóvão, Diogo, Fernando, Giacomo, 4 extensos e eruditos artigos in *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, Vol. VII, Lisboa 1941; *O Algarve e o Infante D. Henrique*, in *Boletim da Junta da Província do Algarve*, Faro 1943; *D. Henrique — Infante*, in *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, Vol. XIII, Lisboa 1945; *Terçanabal e a «Escola de Sagres»*, Lisboa 1945; *Alonso de Ojeda ou Hojeda*, in *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, Vol. XIX, Lisboa 1949; *O Palácio do Infante D. Henrique em Sagres*, in *Actas do Congresso Luso-Espanhol*, Tomo VIII, Lisboa 1950; *La concéption géographique de l'Auteur de l'Esmeraldo*, in *Archives Internationales d'Histoire des Sciences*, Paris 1952; *Os Irmãos Côrte-Real*, Lisboa 1957; *O Infante D. Henrique*, in *Os Grandes Portugueses*, Lisboa 1960; *A Figura e a Obra do Infante D. Henrique*, Lisboa 1960; *Consequências dos Descobrimientos Henriquinos na Luzitanização do Ultramar Português*, Lisboa 1960; *Terçanabal*, in *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, Vol. XXXI, Lisboa 1961; *Nota sobre a Ilha Rodrigues*, Lisboa 1963; *Giovanni Verrazano*, in *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, Vol. XXXIV, Lisboa 1964; *Américo Vespúcio*, in *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, Vol. XXXIV, Lisboa 1964. Foi o volume *A Figura e a Obra do Infante D. Henrique*, publicado em 1960, que conquistou o 2.º Prémio no Concurso das Comemorações Henriquinas daquele ano, galardão tanto mais apreciável quanto é certo que naquele Concurso, de carácter internacional e a que concorreram eruditos praticamente de todo o Mundo, não foi conferido o 1.º Prémio a nenhum concorrente.

Além dos estudos que acabamos de citar, o Doutor Francisco Fernandes Lopes publicou ainda, no âmbito da Historiografia dos Descobrimientos, em anos sucessivos e em vários jornais, numerosos artigos de mera divulgação das conclusões a que chegara nos mesmos estudos e que, por serem de mera divulgação, não merecem citação especial; estão neste caso os artigos publicados, por exemplo: no *Correio do Sul*, de Faro, em 1933, 1937, 1953, 1955, 1957, 1958, 1960 e 1961; no *Diário Liberal*, de Lisboa, em 1933 e 1953; em *O Diabo*, de Lisboa, em 1935; no *Diário de Lisboa*, em 1937 e 1959; no *Notícias do Algarve*, de Vila Real

de Santo António, em 1955 e 1956; e no *Correio Olhanense*, em 1958.

Mas, fóra do âmbito da Historiografia dos Descobri-
mentos, não são igualmente poucos os estudos do Doutor
Francisco Fernandes Lopes sobre assuntos históricos e não
históricos, publicados quer em volumes e opúsculos, quer
em revistas e jornais. Entre todos, e como mais notáveis,
salientam-se os seguintes: *Sobre a Religião*, in *O Algarve*,
Faro 1914; *Drogas e Pharmacopéa*, tese de doutoramento,
Lisboa 1916; *Comentário à Fórmula Vita Honestae*, in *Cor-
reio do Sul*, Faro 1921; *Renan e Fustel de Coulanges, mes-
tres da Contra-Revolução*, in *Correio do Sul*, Faro 1922;
Cartas de muito longe, in *Correio do Sul*, Faro 1923; *Qual
é a mais antiga poesia da nossa língua?*, in *Correio do Sul*,
Faro 1922; *Contra a Epidemia do Integralismo Lusitano*,
série de 24 artigos in *Correio do Sul*, Faro 1921-1922 (os
artigos são assinados com o pseudónimo *Eu*); *Universidade
Popular*, in *Moca...*, Faro 1923; *Duas Cartas Inéditas de
Fernando Pessoa*, in *Seara Nova*, Lisboa 1924; *A Lápida de
Silves do Rei Poeta*, in *Correio do Sul*, Faro 1928; *Origens
da Cidade de Faro*, série de artigos numa polémica com
Ludovico de Menezes, in *Correio do Sul*, Faro 1928; *A
Ciência e a Técnica do Dr. Azuero*, in *O Povo*, Lisboa 1929;
As Lápidas da Fortaleza de Beliche, in *Correio do Sul*, Faro
1933; *Do Germanismo de Antero*, in *Atlântico*, Lisboa 1934;
Do «Maravilhoso Pagão» em Gil Vicente, in *Seara Nova*,
Lisboa 1936; *Nova Chave para o «Verso Enigma» de
Gil Vicente*, in *Seara Nova*, Lisboa 1937; *Subsídios Inéditos
para a História da Vida e Obra de Henrique Pousão*, in *O
Diabo*, Lisboa 1937; *Quer saber o dia-da-semana de qual-
quer data?*, Olhão 1946; *Breve Memória Sobre a Vida e a
Arte de Henrique Pousão*, Lisboa 1946; *Novo Sistema de
Transliteração Árábico-Latina*, Porto 1945; *Bataça e Miró-
briga*, in *Actas do XII Congresso Luso-Espanhol para o
Progresso das Ciências*, Tomo III, Lisboa 1950; *Uma Joia
da Escultura Gótica do Século XIV*, in *O Primeiro de Ja-
neiro*, Porto 1950; *Marrocos e Nós*, in *Notícias do Algarve*,
Vila Real de Santo António 1954; *Marrocos Andaluz*, in
Notícias do Algarve, Vila Real de Santo António, 1954; *Do
Algarve Bizantino*, in *Bracara Augusta*, Vols. IX e X, Braga
1958-1959; *Presença de Henrique Pousão*, in *Correio do Sul*,
Faro 1959; *João Van Eyck e Portugal*, in *O Comércio do
Porto* 1959; e *Cartas de Henrique Pousão e Excerptos de
outras Cartas e Escritos que se lhe referem*, Lisboa 1959.

Por outro lado, o amor e carinho muito especiais do Doutor Francisco Fernandes Lopes pela sua terra natal também ficaram expressos na sua obra; e de entre os inúmeros escritos que sobre ela deixou espalhados por opúsculos, revistas, jornais, roteiros, almanaques e enciclopédias, há que destacar, pelo seu especial valor: *Sobre o Poeta João Lúcio*, Faro 1921; *Olhão*, in *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, Vol. XIX, Lisboa 1949; *Olhão, Terra de Mistério, de Mareantes e de Mirantes*, in *Correio Olhanense*, Olhão 1948; *Discurso inaugural do monumento aos Heróis da Restauração de 1808*, in *Correio Olhanense*, Olhão 1931; *A Ilha de Harmona será a Herma de que fala Avieno na sua Ora Marítima?*, in *Correio do Sul*, Faro 1963; *A Igreja Matriz de Olhão*, in *Correio Olhanense*, Olhão 1953; *As Ilhas, Praias e Ria de Olhão*, in *Correio Olhanense*, Olhão 1954; *Memória da Ilha de Armona*, in *Sporting Olhanense*, Olhão 1968; *Olhão no «Guia de Portugal» — Corrigenda et Addenda*, in *Correio Olhanense*, Olhão 1928; *Olhão Zona de Turismo*, in *Gazeta de Olhão*, Olhão 1952; *Sobre o Panorama Típico de Olhão*, in *Correio do Sul*, Faro 1964.

4

Não foi, porém, apenas em parte da sua obra escrita, e na sua actividade cultural em Olhão, que se revelou o grande amor do Doutor Francisco Fernandes Lopes pela terra onde nasceu. Também por amor dela, nela ficou depois de concluídos os seus estudos superiores e desprezou algumas posições de relevo no meio universitário português e as possibilidades de realização de uma obra bastante mais vasta, e sem dúvida ainda mais valiosa, que o pequeno meio olhanense e algarvio, onde se confinou a sua vida, de forma nenhuma lhe consentiram. Alguns traços dominantes da sua biografia mostram-no claramente; e ajudam também a compreender melhor a sua personalidade.

Francisco Fernandes Lopes nasceu a 27 de Outubro de 1884, no bem olhanense Bairro do Levante e na rua que tem hoje o seu nome; e era filho de Francisco Fernandes Lopes e de sua mulher Ana do Rosário Gaspar Lopes, família de origens humildes, que exclusivamente pelo trabalho aturado e honesto do seu chefe se guindara a uma muito razoável mediania económica. Na Escola Régia da sua terra natal fez, com distinção, o exame de instrução primária, antes de completar os dez anos de idade, motivo este porque não pôde prosseguir imediatamente outros estudos escolares; mas, enquanto aguardava a idade de o poder fazer, começou a estudar Português, em Olhão, e Francês, em Faro, respectivamente com os professores Souza Machado e João Rodrigues Aragão. E ao mesmo tempo, iniciou o estudo de rudimentos de Música e solfejo com o médico Dr. Bernardino Adolfo da Silva, amador musical de grande mérito, quer como executante, quer como compositor e como regente dos grupos de amadores olhanenses que, nesse tempo, realizavam concertos periódicos de música clássica nas sociedades recreativas locais.

Em 1896, sem descurar a aprendizagem da Música em Olhão, que continuou com muito interesse durante pelo menos mais quatro anos, matriculou-se no Liceu de Faro, onde viria a completar o quinto ano, sendo sempre o aluno mais classificado em Português, Latim, Francês, Alemão e História. E em 1901, porque no Liceu de Faro só ministravam nesse tempo o chamado Curso Geral, vai para Lisboa continuar os seus estudos, matriculando-se então no Liceu do Carmo, de onde, no ano seguinte, transita para o Liceu da Regaleira, neste concluindo depois o Curso Complementar (sétimo ano) e sendo também aí o aluno mais classificado em Português, Filosofia, História e Matemática. Neste último Liceu conhece e relaciona-se com alguns rapazes estudantes que viriam a ser depois figuras gradas na vida portuguesa, como por exemplo o futuro grande médico e professor catedrático da Faculdade de Medicina de Lisboa Doutor Francisco Fulido Valente, que foi seu companheiro de carteira no sétimo ano, o futuro advogado e grande dramaturgo Dr. Amílcar Ramada Curto, e o futuro professor liceal, escritor, jornalista e conferencista Dr. Luís da Câmara Reys. Foi exactamente o seu companheiro de carteira Pulido Valente quem o convenceu a matricular-se, com ele, no Curso de Medicina; como foi Ramada Curto, que ao tempo andava particularmente entusiasmado pela ópera e até cantava, com manifesta habilidade, música de Wagner, quem o levou em 1903 ao Teatro Nacional de S. Carlos, para ouvir *O Demónio* de Anton Rubinstein, e fez assim despertar nele, não só desejo de escrever uma ópera, que mais tarde se concretizaria na sua já anteriormente citada *Belkiss*, mas a autêntica paixão pela Música, que o acompanharia até ao fim da vida; como seria Câmara Reys quem, anos depois, o apresentaria a alguns outros contemporâneos que desempenhariam papel de grande relevo na vida cultural dos portugueses.

Foi, realmente, durante o ano que passou no Liceu da Regaleira que começou o que podemos talvez chamar a vida intelectual de Francisco Fernandes Lopes. Além da frequência assídua do Teatro de S. Carlos, que iniciou nas circunstâncias já referidas, começou então a frequentar também a Biblioteca Nacional de Lisboa com um interesse e uma assiduidade tais, que aquela, nas suas próprias palavras, viria a tornar-se na sua «verdadeira Universidade»; e nesse seu último ano liceal, como nos seguintes, enquanto os estudos escolares e o estágio hospitalar o mantiveram

em Lisboa, ali se familiarizou com o pensamento dos grandes filósofos de todos os tempos, com as grandes correntes da historiografia mundial, com os clássicos gregos e latinos e com as grandes obras da literatura e da poesia portuguesa, francesa, espanhola, italiana, alemã e inglesa. Além disso, dirigiu nesse ano a *Revista Académica*, jornal dos alunos do seu Liceu; colaborou no jornal *Mocidade*, dirigido pelo seu colega Câmara Reys; e escreveu, de parceria com outro colega, João Marcelino Dias Pereira, a peça de despedida do sétimo ano, que se intitulou *No Jardim de Academia* e foi representada pelos finalistas no Teatro de D. Amélia, actual Teatro de S. Luís.

Anos mais tarde, já finalista do Curso de Medicina na Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa, Francisco Fernandes Lopes ingressa, como redactor, no jornal *República Portuguesa*, então dirigido pelo seu antigo colega Câmara Reys, que entretanto se bacharelara em Direito na Universidade de Coimbra. E quasi simultaneamente (em 1910), levado a isso pelo mesmo antigo colega Câmara Reys, inicia a sua colaboração na revista cultural *A Águia*, do Porto, dirigida por Teixeira de Pascoais e que, em 1912, passa a ser o órgão do movimento literário (e não só...) denominado *Renascença Portuguesa*, fundado nesse mesmo ano por aquele já consagrado poeta e por Jaime Cortezão, Álvaro Pinto e Leonardo Coimbra, movimento em que o também já então médico Francisco Fernandes Lopes igualmente ingressa. É no âmbito da *Renascença Portuguesa* que o ilustre olhanense se relaciona e contrai duradoira amizade não só com aqueles poeta, escritor e filósofo, como ainda com outros elementos do movimento que viria a dar muito que falar de si nos anos seguintes, entre eles Afonso Lopes Vieira, António Correia de Oliveira, Raul Brandão, Aquilino Ribeiro, Augusto Casimiro, Raul Proença e António Sérgio. Mas, quando os cinco últimos, com Luís da Câmara Reys, tempos depois, em 1921, abandonam a *Renascença Portuguesa*, para irem fundar o Grupo de Acção Política e Social que passou a editar a revista *Seara Nova*, o já nessa altura Doutor Francisco Fernandes Lopes acompanha-os, sem no entanto se dar com isso qualquer quebra na amizade que já o ligava, e continuou a ligar sempre, aos que se mantiveram fiéis ao ideário de *A Águia* e em especial a Leonardo Coimbra, seu amigo e admirador até à morte.

Entretanto, em Outubro de 1911, Francisco Fernandes Lopes terminara o seu Curso na Faculdade de Medicina de

Lisboa, em que nesse mesmo ano se convertera a antiga Escola Médico-Cirúrgica, ficando aprovado na defesa da dissertação final com a classificação de 18 valores. Em virtude desta classificação e das provas prestadas, no ano seguinte (1912) fora convidado, conjuntamente com o seu colega e amigo Francisco Pulido Valente, para desempenhar as funções de Assistente da mesma Faculdade; mas, enquanto aquele aceitara o convite e iniciara assim o seu brilhante magistério universitário, Francisco Fernandes Lopes recusára-o, preferindo vir fixar-se em Olhão, onde abria logo consultório médico e onde, em 1915, casara com uma senhora das melhores famílias olhanenses, D. Raquel Pousão Ramos, sobrinha do grande pintor Henrique Pousão e prima do notável poeta João Lúcio. E em 1916, depois de requerer, ao que parece ainda por sugestão de Pulido Valente, e de prestar provas de doutoramento em Medicina, na mesma Faculdade de Lisboa, com a tese que já anteriormente mencionámos e então foi publicada, e de nelas ser aprovado por unanimidade com 19 valores, voltara a recusar o lugar de Assistente, que de novo lhe fora oferecido. Aliás, três anos mais tarde, em 1919, recusara também ser Assistente da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, que naquele ano fora criada pelo seu amigo Leonardo Coimbra, então Ministro da Instrução Pública, este que lhe oferecera o lugar por conhecer a sua capacidade intelectual e estar seguro dos seus vastos conhecimentos nos domínios da História e da Filosofia.

5

Fixado em Olhão, aqui desempenha depois o Doutor Francisco Fernandes Lopes, durante mais de meio século, a par do papel de primeiro plano na promoção cultural da grei olhanense que já assinalámos, os cargos de Médico Municipal, Sub-Delegado de Saúde, Director Clínico do Hospital de Nossa Senhora da Conceição, Médico das Caixas de Previdência, representante das Ordens dos Médicos, Advogados e Engenheiros no Conselho Municipal, Juiz do Tribunal da Tutoria da Infância e professor de Francês, História e Ciências Naturais nos Colégios Restauração e Dr. João Lúcio. E simultaneamente, durante algumas décadas, é também professor provisório do Liceu Nacional de João de Deus, em Faro, e professor efectivo e director da Escola Primária Superior da mesma cidade, leccionando ainda, durante algum tempo, na Universidade Popular do Algarve, estabelecimento particular de ensino livre, que na capital algarvia existiu nos anos 20, dirigida e mantida por alguns ilustres professores do ensino liceal, entre os quais um outro olhanense e seu amigo, o Dr. José António Dentinho Junior.

Tudo isto, porém, ao mesmo tempo que colabora assiduamente, versando os mais variados temas, em diversas revistas culturais portuguesas (como, por exemplo, a *Seara Nova*, a *Brotéria*, a *Petrus Nonius*, a *Bracara Augusta*, a *Atlântico*, a *Diabo*, a *De Música*, a *Panorama* e o *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*), em alguns diários lisboetas e portuenses (como o *Diário Liberal*, o *Diário Popular*, o *Diário de Lisboa*, o *Povo*, a *República*, o *Primeiro de Janeiro* e o *Comércio do Porto*), na maior parte dos jornais algarvios do seu tempo (como o *Algarve*, o *Correio do Sul*, o *Messinense*, a *Vida Algarvia*, a *Ideia Republicana*, o *Moca*, o *Correio Algarvio*, o *Diário do Algarve*, o *Notícias*

do Algarve, o *Povo Algarvio* e o *Jornal do Algarve*) e sobretudo nos olhanenses (como o *Cruzeiro do Sul*, onde publicou os seus primeiros escritos, *Os Novos*, *O Provinciano*, *A Revolução de Outubro*, *A Hora Literária*, o *Correio Olhanense*, a *Gazeta de Olhão*, *Os Serões da Província* e o *Sporting Olhanense*). E que colabora também em revistas estrangeiras (como *La Revue Musicale* de Paris, de que é correspondente em Portugal durante vários anos, e a *Revista de Las Ciencias* de Madrid), além de dirigir a revista luso-francesa *Afinidades*.

A sua intensa actividade cultural leva ainda o Doutor Francisco Fernandes Lopes, não só às viagens de estudo no País e no estrangeiro a que anteriormente nos referimos já, mas também a numerosos Congressos, entre os quais, por exemplo, o I Congresso da História da Expansão Portuguesa no Mundo, o Congresso Luso-Espanhol de Córdova, o Congresso Luso-Espanhol de Lisboa, o Congresso Luso-Espanhol do Porto, o XVI Congresso Internacional de História de Arte, o I Congresso Regional Algarvio, etc.; e faz dele sócio efectivo e muito considerado da Sociedade de Geografia de Lisboa e do Grupo Português da História das Ciências. Mas o enorme esforço que toda esta actividade lhe exige, aliado ao trabalho profissional intenso e desgastante a que o obriga a manutenção da sua numerosa família, e a despeito do grande vigor físico e mental que sempre revelou, obriga-o em certa altura à aposentação e a uma vida moderada e repousante.

É então, já com os seus 80 anos completos, que deixa Olhão e vai residir em Lisboa, onde já se encontra praticamente toda a sua família. E na capital do País vem a falecer em 6 de Junho de 1969. Mas o seu funeral, no dia seguinte, realiza-se para o cemitério de Olhão, onde fica em jazigo de família, incorporando-se no préstito fúnebre muitos milhares de pessoas de todas as condições sociais e praticamente de todo o Algarve, que à *Vila Cubista* se deslocaram propositadamente para acompanharem à sua última morada uma das mais brilhantes figuras algarvias de todos os tempos, que foi mestre incontestado de muitas gerações de olhanenses.

SEPARATA DE «A VOZ DE OLHÃO»

Composto e impresso nas oficinas da
Empresa Litográfica do Sul, S. A. R. L.
Telefs. 44161 e 44162 - Apartado 28
8901 Vila Real de Santo António

— 8/84 —



SEPARATAS DE «A VOZ DE OLHÃO»

- 1 — **A luta contra os franceses à Ponte de Quelfes**
por J. Fernandes Mascarenhas
- 2 — **António Henrique Cabrita, nadador prestigiado**
por Fernando Cabrita
- 3 — **O Poeta João Lúcio — Apontamento Biográfico**
por Antero Nobre
- 4 — **A População Olhanense — Sua Origem e Evolução**
por Antero Nobre
- 5 — **O Doutor Fernandes Lopes — Apontamento Bio-
-bibliográfico — por Antero Nobre**